

## O espiritismo e o bicentenário de Dickens

O último dia 7 de fevereiro marcou o bicentenário de nascimento de um dos mais importantes nomes da literatura inglesa de todos os tempos. Autor de visão humanitária, extremamente preocupado com os problemas sociais de seu tempo, Charles Dickens (1812-1870) mereceu elogios por parte de personalidades como Karl Marx, por conta de suas denúncias dos problemas sociais da Londres novecentista decorrentes da revolução industrial, num período em que os direitos trabalhistas eram praticamente ignorados.

Autor de obras célebres, como *David Copperfield*, romance em que denuncia as condições de miserabilidade extrema de um bairro londrino, o que fez com que as autoridades posteriormente higienizassem a localidade, Dickens é mais conhecido do grande público por *Um conto de natal*. Nesta peça literária, o leitor tem uma visão espiritualista do problema da riqueza no plano físico, numa metáforização literária à semelhança do que é estudado em *O evangelho segundo o espiritismo* sobre este magno problema da trajetória humana pela encarnação no plano físico em um mundo de provas e expiações.

Além dessa e de outras produções literárias, Charles Dickens possui uma curiosa relação com o espiritualismo, mais particularmente com o espiritismo codificado por Allan Kardec, pois a sua morte e o romance que ficou interrompido ao meio, *O mistério de Edwin Drood*, entram para a casuística mediúnica do espiritismo como uma notável intervenção do mundo espiritual, numa perspectiva que mais tarde seria levada ao extremo da sofisticação na relação mediúnica de Francisco Cândido Xavier com diversos vultos literários da lusofonia e de Divaldo Pereira Franco com a psicografia do notável francês Victor Hugo, assumidamente espírita. Há alguns anos, mais precisamente no dia 5/11/2004, publicamos uma resenha no jornal goiano *O Popular* sobre este fato mediúnico espírita e a obra que se lhe seguiu, que segue transcrita abaixo com pequenas revisões.

### O mistério de Charles Dickens

No século XIX, era comum surgirem obras literárias a partir da publicação, capítulo a capítulo, na imprensa. Dessa forma, podiam os leitores acompanhar o

desenrolar de uma boa narrativa, à semelhança do que hoje ocorre aos telespectadores que acompanham o desdobramento de uma novela televisiva. Na Inglaterra, mais precisamente em 1870, o público leitor estava às voltas com a empolgante narrativa policialesca de um dos maiores nomes da literatura britânica, Charles Dickens, que mais tarde seria publicada em livro, sob o título de *O mistério de Edwin Drood*.

Um fato, porém, conduziria essa obra do autor de *Oliver Twist* a uma inusitada situação no contexto de uma historiografia literária que está por ser escrita. Aconteceu de Charles Dickens falecer, deixando inacabada a trama que vinha sendo urdida com mestria, provocando dupla consternação ao seu grande número de leitores, dentre os quais a rainha Vitória, que o havia recebido em palácio há pouco tempo. Mas o pior, ou o melhor, dependendo das opiniões, ainda estava por vir.

Três anos após a morte de Dickens, em 1873, é publicado nos Estados Unidos a continuação de *O mistério de Edwin Drood* do exato ponto em que a trama fora interrompida. O autor da sequência? Presumivelmente, Charles Dickens. Literalmente, no caso, um *ghost writer*, que voltava do além pelas mãos de um jovem e desconhecido médium norte-americano da cidade de Brattleboro, em Vermont, o mecânico Thomas P. James.

Destituído de mais ampla formação cultural, James foi uma espécie de precursor, no tempo e no espaço, do fenômeno líteromediúnico representado por Chico Xavier no Brasil, que psicografou textos atribuídos a diversos escritores luso-brasileiros. O que faz do livro mediúnico de Thomas James uma obra singular, mesmo entre as suas congêneres psicográficas, é o fato de a obra concluir uma história deixada incompleta por seu autor, o que não acontece com os escritos mediúnicos de Chico Xavier atribuídos às diversas personalidades literárias, segundo o paradigma espírita.

Apesar da controvérsia que cerca o assunto, o problema da psicografia não é de todo estranho ao universo acadêmico. A ciência literária já contemplou a temática. Em fins da década de 1980, Thaís Montenegro Chinellatto apresentou à banca examinadora da USP uma dissertação de mestrado intitulada *O espírito da para-literatura - Um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester*. Alguns anos mais tarde, *Parnaso de além-túmulo*, de Chico Xavier, e a personalidade espírita-literária de Humberto de Campos também foram objeto de dissertação de mestrado e tese de doutorado respectivamente na Unicamp.

Porém, se por aqui o assunto já mereceu tratamento acadêmico em duas das mais conceituadas universidades brasileiras, na segunda metade do século XIX a reação foi

mais passional. Assim é que a peça atribuída a Dickens causou grande polêmica à época, como era de se esperar, passando à condição de texto maldito. Mesmo entre conceituados espíritas britânicos, como o criador de Sherlock Holmes, sir Arthur Conan Doyle, o acontecimento soou muito estranho.

Num esforço propagandístico, sem dúvida, os responsáveis pela editora espírita, Publicações Lachâtre, tiveram acesso ao texto psicografado, não sem uma intensa negociação junto à Casa de Dickens, instituição responsável pelo acervo do escritor inglês, conforme consta da apresentação de *O mistério de Edwin Drood - Versão concluída pelo próprio autor*, título adaptado do original publicado por James.

Com tradução, notas e posfácio de Hermínio C. Miranda, escritor espiritista com dezenas de livros publicados sobre temáticas afins, *O mistério de Edwin Drood - Versão...* revela-se um projeto com boa visão de mercado por parte dos editores, que lançaram mão de um engenhoso artifício para captar a atenção daqueles que torcem o nariz para os textos dessa natureza, mas apreciam a literatura de uma forma geral, projetando a publicação além do círculo de leitores espíritas. Trata-se de um desafio proposto ao leitor.

Como ambos os textos são publicados numa sequência única, sem especificar onde termina e começa um e outro, o leitor é instado a encontrar o ponto de intersecção entre ambos. Em termos de postura filosófica, não é muito difícil para o leitor modelo da conceituação de Umberto Eco. Grosso modo, seria algo semelhante à diferença entre o Machado de Assis-romântico e o Machado-realista. No material traduzido por Hermínio Miranda, a transição de um texto a outro se torna perceptível somente muitas páginas adiante de onde realmente se dá.

Este fato, por sua vez, conduz ao problema que é um nó górdio da psicografia para os leigos: o estilo. A semelhança entre os dois momentos da obra de Dickens se revela algo desconcertante, para dizer o mínimo. E faz com que, de fato, o conceito de que o estilo é o homem seja revisitado com um grande ponto de interrogação.

Gismair Martins Teixeira é doutorando em Estudos Literários pela UFG e professor